

# **FOLCLORE E MÚSICA FOLCLÓRICA: VIVÊNCIAS E CONCEPÇÕES DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Cristina Rolim Wolffenbüttel  
cwolffen@terra.com.br

FUNDARTE/UERGS/SMED-PoA/UFRGS (PPG-Música)

Luciana Del Ben

lucianadelben@uol.com.br

UFRGS

## **Resumo**

Esta comunicação tem como objetivo relatar resultados de um survey que investigou vivências e concepções de folclore e música folclórica de 11 alunos de 9 a 11 anos do ensino fundamental, da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (RS). O referencial teórico adotado procurou integrar três perspectivas distintas: modelos de ensino escolar, folclore e propostas de inclusão do folclore na escola. Os resultados apontam para a necessidade de uma interlocução entre o ensino escolar e o folclore, numa tentativa de fornecer subsídios para a construção de alternativas de inclusão do folclore no ensino escolar.

**Palavras-chave:** educação musical escolar, folclore, folclore na educação

***Abstract.** This paper presents partial results from a survey carried out to investigate practices and conceptions of folklore and folk music of primary school students aged 9 to 11. The theoretical framework was based on three perspectives: school teaching models, concepts of folklore and proposals of including folklore in the educational processes. The results emphasises the need to establish connections between school teaching processes and the folklore, providing data that can contribute to the construction of alternative ways of including the folklore in the schools.*

***Keywords:** school music education, folklore, folklore in the education*

Uma das preocupações atuais da área de educação musical tem sido conhecer e compreender os diversos aspectos que fazem parte da vida do aluno fora da escola, com vistas a conhecer as concepções e as vivências de música que constituem o seu universo musical. Trabalhos como os de Arroyo (1990), Souza (1996, 2000), Oliveira (2001) e

Tourinho (1993), entre outros, têm buscado alternativas para diminuir o distanciamento existente entre o mundo cotidiano e o ensino musical escolar.

Um modo de relacionar a vida dos alunos ao ensino na escola é considerar a sua cultura experiencial, que, segundo Pérez Gómez (2001, p. 203), é a

peculiar configuração de significados e comportamentos que os alunos e as alunas elaboram de forma particular, induzidos por seu contexto, em sua vida prévia e paralela à escola, mediante os intercâmbios “espontâneos” com o meio familiar e social que rodeiam sua existência. A cultura do estudante é o reflexo da cultura social de sua comunidade, mediatizada por sua experiência biográfica, estreitamente vinculada ao contexto.

O folclore e a música folclórica, como formas de manifestação existentes na cultura, também podem fazer parte da cultura experiencial do aluno. No entanto, embora os estudos sobre folclore e música folclórica tenham crescido significativamente nas últimas décadas, ainda são poucos os dados sistematizados sobre o que os alunos do ensino fundamental pensam e praticam de folclore e música folclórica em suas vidas diárias.

Diante disso, foi desenvolvida esta pesquisa que teve como objetivo investigar vivências e concepções de folclore e música folclórica de alunos de 9 a 11 anos do ensino fundamental. Esse objetivo desdobrou-se em três questões norteadoras: a música folclórica está presente na vida dos alunos? Em que âmbito das vidas dos alunos o folclore está inserido? Quais as concepções que os alunos têm sobre folclore e música folclórica?

Para responder essas questões, o método de pesquisa selecionado foi o *survey* interseccional de pequeno porte (Babbie, 1999). Os alunos a serem investigados foram selecionados da seguinte maneira: inicialmente, foram identificadas as 52 escolas municipais de ensino fundamental existentes nas quatro regiões de Porto Alegre. Em seguida, de toda a Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (RME-PoA), foram selecionadas as 26 escolas que oferecem o ensino de música em sua base curricular. Posteriormente, foram selecionadas quatro escolas, através do procedimento de amostragem aleatória, representando cada uma das quatro regiões em que está organizada a RME-PoA. De cada escola foi selecionado, também por amostragem aleatória, um aluno em cada um dos três anos que compõem o II Ciclo, resultando numa amostra de 11 alunos.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas e analisados com base num referencial teórico constituído a partir de uma interlocução entre três

perspectivas distintas, porém inter-relacionadas: o ensino escolar, o folclore e o folclore na escola.

O ensino escolar foi compreendido a partir dos quatro modelos de ensino apresentados por Pérez Gómez (1998b, p. 67), a dizer: o ensino como transmissão cultural, o ensino como treinamento de habilidades, o ensino como fomento do desenvolvimento natural e o ensino como produção de mudanças conceituais. Além desses quatro modelos, Pérez Gómez propõe um outro modo de conceber o ensino escolar, tendo em vista o que aponta como carências dos modelos anteriores. A centralidade de sua idéia reside na concepção de que o ensino é uma forma de assimilação e reconstrução da cultura experiencial do aluno.

O folclore foi compreendido tendo como base teorias e pesquisas realizadas por pesquisadores da área (Almeida, 1971; Benjamin, 2002; Câmara Cascudo, 1984; Garcia, 2000; Lima, 1985), respaldadas na visão de que o folclore é o conjunto de saberes populares que identificam as pessoas (Garcia, 2000, p. 16). Características tais como aceitação coletiva, funcionalidade, tradicionalidade e dinamicidade fundamentam os estudos de pesquisadores da área, além dos conceitos de folclorização, folclore nascente e reinterpretação.

A Carta do Folclore Brasileiro de 1951 e a Carta do Folclore Brasileiro de 1995 (Congresso Brasileiro de Folclore, 1999) foram utilizadas para fundamentar a perspectiva do folclore na escola, pois são os documentos que representam as idéias da Comissão Nacional de Folclore, bem como as concepções dos pesquisadores da área, tendo em vista os conceitos que definem folclore como ciência e como prática, bem como sua inserção na educação.

Com base nessas perspectivas, foi possível compreender os dados obtidos junto aos alunos e suas escolas e, assim, encontrar respostas para as questões que orientaram esta investigação. Neste trabalho, apresento parte dos resultados encontrados, focalizando as vivências folclóricas e folclórico-musicais dos alunos e suas concepções sobre folclore e música folclórica.

### **Vivências folclóricas e folclórico-musicais dos alunos**

Dentre as atividades musicais realizadas pelas escolas, segundo depoimentos dos alunos, poucas envolvem folclore. As vivências folclóricas concentram-se mais no âmbito das brincadeiras por eles praticadas, principalmente aquelas realizadas de forma coletiva.

Os resultados revelam que as brincadeiras fazem parte do dia-a-dia dos alunos, pois os mesmos apontaram práticas em seu cotidiano que se constituem como folclóricas. Essas se dividem em brincadeiras com cantoria e brincadeiras sem cantoria. Na categoria das brincadeiras com cantoria foram citadas cantigas de roda, como “Ciranda, cirandinha”, “Atirei o pau no gato”, “Marcha soldado”, “Dança do pezinho”, brincar de capoeira, brincar de escoteiro, entre outras. Nas brincadeiras sem cantoria, que citadas em maior quantidade, apareceram “Pega-pega”, “Esconde-esconde”, “Jogo de futebol”, “Pular corda”, entre os mais referidos.

As vivências folclórico-musicais dos alunos apareceram em maior quantidade nos seus momentos lúdicos, principalmente durante a realização de brincadeiras com cantoria. Quanto às demais vivências de música folclórica, não foi possível encontrá-las em outros âmbitos que não o lúdico.

Poucos foram os relatos dos alunos quanto à utilização de suas vivências folclórico-musicais em sala de aula. Da mesma maneira, não pareceu que a música folclórica seja um dos conteúdos das aulas de música. Além disso, outro componente que pode ter contribuído para a pouca ocorrência de exemplos musicais folclóricos por parte dos alunos é a igualmente reduzida presença da educação musical tanto como atividade curricular como extracurricular.

### **Concepções dos alunos sobre folclore e música folclórica**

Em geral, as respostas fornecidas pelos alunos remetem a quatro concepções sobre folclore e música folclórica: a) o folclore como lendas; b) o folclore como conhecimento registrado em livros; c) o folclore como tradição; d) o folclore como algo dinâmico.

Nas concepções dos alunos quanto ao folclore e à música folclórica predominaram as idéias de folclore como cultura antiga. A categoria do folclore como tradição encontrou-se inserida nessa concepção, cuja visão básica consistiu no folclore como algo estático, não dinâmico. As respostas de alguns alunos entrevistados exemplificam essa visão acerca do folclore:

Folclores são tradições, como a Festa de São João é uma tradição, que antigamente eles faziam festas porque antes as pessoas cultivavam mais. (Aluno Fa).

A idéia de folclore como o que está registrado nos livros e o folclore como sendo lendas também remete a uma visão estática e tradicional do folclore, na medida em que ele encontra-se afastado das vidas dos alunos e, portanto, como cultura antiga.

É que o meu pai e a minha mãe, às vezes, quando era hora de dormir, contavam historinhas da Iara, do Saci-Pererê, contavam historinhas assim pra mim. (Aluno P).

Ouvi falar aqui na escola... Nós lemos um livrinho folclórico...Na aula de artes tinha que desenhar a parte que mais gostou do livro... (Aluno C).

Porém, os próprios alunos sinalizaram outras possibilidades existentes quanto às concepções de folclore, incluindo formas de concebê-lo como algo dinâmico, como uma cultura atual. Essa concepção dos alunos remeteu à visão do folclore em movimento, constituindo-se numa cultura viva (Benjamin, 2002, p. 99) e presente no cotidiano dos alunos.

folclore não é só coisa antiga. Tem outros que eles inventaram agora, não sei o nome. Sei lá. Não sei o nome, só sei que eles inventaram, eles dançam pela rua. Carnaval também é folclore. (Aluno B).

### **Considerações finais**

Os dados obtidos nas entrevistas sugerem os modelos de ensino subjacentes às práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas, que não levam em consideração aspectos da vida do aluno, como o ensino como transmissão cultural, o ensino como treinamento de habilidades, o ensino como fomento do desenvolvimento natural ou o ensino como produção de mudanças conceituais. Porém, a partir das entrevistas, parece predominar o modelo de ensino como transmissão cultural (Pérez Gómez, 1998b, p. 67).

A maior parte das entrevistas dos alunos sugere a idéia de que o folclore não é um aspecto cultural que pode estar presente na vida das pessoas, mas uma espécie de informação “cristalizada” em livros. Apresenta-se, aí, a concepção do folclore como tradição, como cultura antiga. Essa concepção, de certo modo, está relacionada à visão de folclore e de folclore na educação como a apresentada na Carta do Folclore Brasileiro de 1951, cujos pressupostos teóricos recomendavam a utilização, em sala de aula, dos registros escritos existentes sobre pesquisas folclóricas (Congresso Brasileiro de Folclore, 1999, p. 227).

Por outro lado, mesmo sendo o ensino como transmissão cultural o modelo predominante na maioria das escolas, segundo as entrevistas, algumas instituições de ensino demonstraram utilizar a cultura experiencial dos alunos, sinalizando, assim, outras possibilidades de inclusão do folclore e do folclore musical na sala de aula. Percebe-se esse fato a partir das entrevistas com os estudantes, quando alguns deles mencionaram brincadeiras que eram utilizadas em sala de aula – tais como o futebol e o voleibol. Ao utilizar essas brincadeiras, as escolas demonstraram concepções de folclore como cultura viva (Benjamin, 2002, p. 99), realizando uma interlocução entre o saber cotidiano do aluno, que se constitui na sua cultura experiencial, e o ensino e a aprendizagem em sala de aula (Pérez Gómez, 1998a).

Mas é preciso ressaltar que as vivências de música folclórica e o próprio entendimento sobre essa tradição musical parecem bastante comprometidos. O resultado é a quase total inexistência de exemplos musicais folclóricos entoados pelos alunos entrevistados. Apenas nas brincadeiras, como se pode perceber, foi possível obter alguns exemplos de cantigas do folclore, pois as mesmas estavam associadas à lúdica dos alunos, muitas vezes praticadas independentemente das escolas, ou mesmo por elas sendo proibidas.

Tendo em vista as informações obtidas e analisadas a partir do referencial teórico, percebe-se a necessidade de incrementar os fóruns e os debates em torno do folclore e do folclore na escola, incluindo propostas de formação continuada dos professores, independentemente da área do conhecimento. É necessário que os pressupostos da Carta do Folclore Brasileiro de 1995 e de pesquisas recentes sobre o folclore e o folclore na educação sejam mais difundidos, e que diálogos sejam estabelecidos entre as áreas do folclore e da educação musical, buscando aproximar o mundo escolar e o mundo cotidiano do aluno, como recomenda Souza (1996, p. 62). É necessário, também, viabilizar momentos de formação continuada junto aos professores, auxiliando numa compreensão mais ampla do folclore e, em vista disso, do folclore como cultura viva (Benjamin, 2002, p. 99) no cotidiano das pessoas e nos processos de escolarização.

Além disso, torna-se pouco relevante para os alunos apresentar-lhes conteúdos em sala de aula, mesmo que extraídos do folclore, porém desprovidos de significado para eles, sendo totalmente alheios à sua cultura experiencial. Muitas vezes essa é uma postura pedagógica que algumas escolas têm assumido quando do trabalho com folclore. Ou, ainda, que o folclore seja apenas trabalhado durante o mês de agosto, senão somente no dia 22 de agosto, por serem o mês e o dia do folclore, respectivamente.

Quanto ao folclore, as escolas parecem encontrar dificuldades para realizar a mediação entre a cultura experiencial do aluno e a sua aprendizagem relevante, resultando numa visão de folclore como algo antigo, estático, em desuso, com o qual o aluno não consegue se identificar. É importante que as práticas oriundas da cultura experiencial dos alunos, incluindo as folclórico-musicais, possam adentrar o ambiente escolar, sendo possível estabelecer relações entre esses saberes e os conteúdos da cultura acadêmica, contribuindo, assim, para uma aprendizagem relevante e para a reconstrução do conhecimento.

A cultura pública cumpre assim uma função crítica: provocar e facilitar a reconstrução do conhecimento “vulgar” que o aluno/a adquire em sua vida anterior e paralela à escola. (Pérez Gómez, 1998a, p. 63).

### **Referências bibliográficas:**

- ALMEIDA, R. Vivência e projeção do folclore. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1971.
- ARROYO, M. Educação musical: um processo de aculturação ou enculturação? Em Pauta, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 29-43, 1990.
- BABBIE, E. Métodos de pesquisas de survey. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.
- BENJAMIN, R. Folclore: cultura viva. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE, 10., 2002, São Luís. Catálogo. São Luís: Comissão Nacional de Folclore: Comissões Estaduais de Folclore, 2002. p. 99-104.
- CÂMARA CASCUDO, L. da. Dicionário do folclore brasileiro. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE, 8., 1995, Salvador. Anais... Salvador: UNESCO: Comissão Nacional de Folclore, 1999.
- GARCIA, R. M. R. A compreensão do folclore. In: GARCIA, R. M. R. (Org.). Para compreender e aplicar folclore na escola. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore: Comissão de Educação, Cultura, Desporto, Ciência e Tecnologia da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2000. p. 16-21.
- LIMA, R. T. de. Abecê de folclore. 6. ed. São Paulo: RICORDI, 1985.
- OLIVEIRA, A. de J. Música na escola brasileira: frequência de elementos musicais em canções vernáculas da Bahia utilizando análise manual e por computador: sugestões para aplicação na educação musical. Porto Alegre: ABEM, 2001.
- PÉREZ GÓMEZ, A. I. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: GIMENO SACRISTÁN, J.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. Compreender e transformar o ensino. Tradução de Ernani F. da Fonseca Rosa. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998a. p. 54-65.

\_\_\_\_\_. Ensino para a compreensão. In: GIMENO SACRISTÁN, J.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. Compreender e transformar o ensino. Tradução de Ernani F. da Fonseca Rosa. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998b. p. 67-97.

\_\_\_\_\_. A cultura escolar na sociedade neoliberal. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

SOUZA, J. O cotidiano como perspectiva para a aula de música: concepção didática e exemplos práticos. Fundamentos da Educação Musical, n. 3, p. 61-74, jun. 1996.

\_\_\_\_\_. Cotidiano e educação musical: abordagens teóricas e metodológicas. In: SOUZA, J. (Org.). Música, cotidiano e educação. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da UFRGS, 2000. p. 15-57.

TOURINHO, I. Seleção de repertório para o ensino de música. Em Pauta, Porto Alegre, ano 5, n. 8, p. 17-28, 1993.